

AS MARCAS DA JANELA

Margarete Maria Soares Bin⁸⁸

Rostinho na janela. Nem parece que faz tanto tempo, Meu Deus! Esse mesmo rosto a espera na janela, mãozinhas de súplica, tremendo, com o medo estampado no corpo todo. A janela foi o cenário boa parte de sua vida. Agora na velhice, a espera é de alegria, mas antigamente...

Não pode reclamar, casou-se com um marido exemplar, teve um filho, já não se fazia mais tantos filhos naquela época. O garoto, boa conduta, inteligente, formou-se em medicina. Presenteou-a com dois netos. Ah, esses é para fechar com chave de ouro sua vida! Com eles e para eles faz tudo, lê livros, vai ao cinema, até bolo confecciona mesmo não sendo a culinária seu forte. Os garotos crescem a cada dia mais belos e mais fortes, sente-se orgulhosa por isso e se entristece quando passa dois dias sem vê-los. A nora não se opõe em trazê-los seguidamente, às vezes é uma forma de liberdade para dedicar-se a outras coisas, já que também trabalha, é nutricionista. Fome pelo menos as crianças não passam.

Enquanto estava ali na espera, a contemplar a janela, seus pensamentos fluem, viajou por aqueles tempos que a janela não era algo bom ou pelo menos não ajudava a criar um cenário de boas lembranças.

Gostava da casa que morava, sua infância, aproveitou-a bem, porém, aquele dito, porém que acompanha quando tudo está indo bem, sofria e nem percebia o quanto. A mãe, sem muito grau

⁸⁸ Doutoranda em Letras na Universidade de Passo Fundo – Brasil. Mestre em Letras – Linguagem e Sociedade pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Brasil. E-mail: margarettesbin@yahoo.com.br

de instrução, dona de casa, submissa ao marido e as atividades do lar era um doce com as filhas. A filha mais velha de uma inteligência espetacular, personalidade forte, já demonstrava que não seguiria o caminho da mãe. A outra (a que contempla a janela) faz-se carinhosa com todos, é prestativa, ama sua irmã, com a qual brinca e dificilmente as duas se desentendem.

E, para fechar este quadro, está o pai, trabalhador, ora um homem bom e criativo, ora um homem bêbado, transformado pelas adversidades da vida.

É nele que se concentra a razão do refúgio, dos medos, do choro. Quase todos os dias, final de tarde, a filha caçula, criança, espera na janela para averiguar qual o estado que receberá o pai em casa. Conforme ele se aproxima consegue fazer uma análise se estará ébrio ou sóbrio. Nessa análise ela contempla a forma do caminhar, de fechar o portão ou até de falar sozinho. Também consegue analisar se bebeu muito ou pouco. Quando constata que bebeu muito, o resto da noite estará perdido, sabe que terá que cuidar até a forma como caminha, driblar as situações entre ele e a mãe, enfim, ser cautelosa. Nesse momento todos os truques são bem-vindos, entre eles fazer chá para tentar eliminar a bebedeira ou cafuné para que o pai se sinta relaxado e durma. Mas mesmo quando consegue tamanha proeza, ainda assim, dorme angustiada pensando que o pai a qualquer momento pode tentar ferir a mãe. Tudo é muito tenso. Parece que todos por ali já se acostumaram com a situação, virou rotina essa sequência de ações. Pensa em como tudo isso vai acabar um dia, se as duas casarem-se como ficará a pobre mãe?

A angústia que abateu à noite prossegue no outro dia quando tem de enfrentar a escola, parece que um caminhão passou por cima, na sala de aula fica de corpo presente, não assimila muita coisa, precisa estudar bastante em casa para recuperar o que deixou de entender no colégio. Aí entra a parte boa de ter a irmã inteligente que lhe ajuda (mesmo xingando por não ter prestado atenção na sala).

A situação vai se agravando cada vez mais, chega

na adolescência e sente um medo enorme quando quer sair com as amigas (estas nem imaginam o quanto sua amiga sofre) pois fica com medo de deixar a mãe sozinha e o pai machucá-la. O que não pode ser classificado como delírio de sua parte, pois num final de tarde, ao retornar de um passeio com uma amiga, a mãe se encontra com o pescoço machucado, ferido pelo pai. Lei Maria da Penha, não existia na época. Existia o medo de denunciar o marido, de passar vergonha pela situação enfrentada e muito mal enfrentada. Sem contar que quando o pai vinha naquelas condições deploráveis de embriaguez, tornava-se perverso, desfilava palavras de baixo calão, principalmente à mãe, o que não era novidade para todos os vizinhos ouvirem. No outro dia, tinha que enfrentar às pessoas na rua com uma vergonha enorme e o olhar de pena das pessoas. Por isso, hoje, sente que o pior sentimento é pena, despreza-o.

Na parede da sala fez-se como amuleto um calendário velho e surrado que jamais esqueceu das palavras que acompanhavam a imagem de Jesus: “Quando te sentires oprimido e a tristeza te envolver, acerca-te de mim, eu sou a luz cujo raio ilumina a pureza de tuas intenções e a nobreza de teus sentimentos.” Se apegava a isso fortemente, sem contar que por vezes rezava ajoelhada ao lado da cama pedindo proteção e não passava uma noite sem rezar acompanhada muitas vezes de choro.

Mas a janela sempre estava lá e ainda deve estar, embora a casa tenha sido reformada. Era uma bela janela de vidro, instalada pelo próprio pai, aliás foi ele, excelente marceneiro, que construir a casa. Ótimo profissional, não se poderia negar, inclusive, quando estava bem, nas férias de escola, era possível acompanhá-lo até seu ambiente de trabalho, local encantado, cheio de “brinquedos” como tinta, madeira, lixa, serrote, martelo, ferramentas imprescindíveis, puro divertimento!

Embora as dificuldades enfrentadas, ficava claro a apreciação do pai por aquelas parafernalias todas e nisso, a filha, assemelhava-se muito a ele, não

desperdiçava um convite para passar à tarde brincando naquele ambiente.

Os colegas, da mesma laia que o pai, caçoavam quando a viam com ele: “Trouxe o menino junto”. Provavelmente o sonho do pai nunca pode se realizar, pois teve quatro meninas em sua existência, duas do primeiro casamento que nunca mais vira (eis aí um dos motivos elencados pelo qual bebia) e mais as duas que teve com a mãe.

O velho (que aliás hoje, pela idade que tinha não se chamaria mais assim, pois na época, quem tinha 40 anos já era considerado velho, o que não se pode dizer dos garotões de 40 de hoje) após ingerir seu mega aperitivo aos domingos, mais o vinho do almoço, sentava-se por vezes, ao lado do rádio (que era de tamanho gigante) e ficava ouvindo músicas deprimentes para superar seus recalques. Nunca se soube de fato toda sua história de vida, mas pelo pouco que contou, era filho de mãe solteira, foi criado pelo padrasto, do qual herdou apenas seu sobrenome, certo dia este correu atrás do pai com espingarda e disso se imagina que ou o padrasto era muito malvado ou o pai aprontava bastante. A mãe dele teve um bando de filhos com o padrasto, os herdeiros na divisão de terras, por isso, talvez, dificilmente visitassem o meio irmão e também porque moravam em outro estado, sendo que o envio de cartas era algo raro. Mágoas, mágoas, mágoas, olhar perdido, cantava junto com as músicas. Talvez daí a herança do olhar perdido a mirar à janela...

Em determinados momentos despejava toda a sua fúria na pobre mãe que não tinha boca para nada. Certa manhã de domingo, a mãe envolvida com seus afazeres do lar, eis que o pai adentrou a cozinha com o seu maldito aperitivo e por banalidades inicia-se uma discussão entre os dois. Naquele momento é como se os filhos não existissem para assistir a cena, dentro daquela ignorância pouco importava para eles o mal que estavam causando aos espectadores. Foi aí, entre aquelas ideias brilhantes das filhas, às quais se encontravam fazendo os temas de escola, teve-se a ideia de apagar todos os cálculos já feitos e pedir para o pai ajudá-las a construir tudo

novamente, como se não soubessem fazer, na esperança de que este parasse de discutir, já que o pai era bom em matemática.

Mas o pai era bom detetive também, era preciso ficar atento a tudo para que se evitasse encrencas, como no dia em que as duas meninas arrancando laranjas perceberam que quebraram galinhos da laranjeira, rapidamente quebraram em pedaços menores os galhos e colocaram no fundo do lixo, pois a casa e tudo que nela se encontrava, menos a família, era a preciosidade do velho. No entanto, o pai, vasculhador como era, não é que encontrou os ditos galinhos? Não é preciso dizer o sermão que gerou tal fatalidade...

Agora, os vidros da janela começaram a embaçar, muito tempo de espera, assim como acontecia naquele tempo, só que agora, a espera é boa, muito boa.

Várias vezes debruçava-se na espera, outras vezes desistia, era demora demais, o pai não vinha e já se sabia por quê. Mas o pior de tudo é que a mãe não tomava atitude, lê-se que era outros tempos, mas custava pensar numa saída? Foi preciso a filha crescer, após a outra ter casado, para que tentasse livrá-la daquela situação, tirando-a de lá, o que não foi uma boa ideia, a mãe ficou amargurada e retornou para a casa, completamente indecisa se ficava ou não, obrigando a filha a retornar também, envolvendo-a no enleio de erros que iam se acumulando. Ah, janela! Companheira de vida, não é a mesma de outrora, é prima daquela, mas já escutou tantos lamentos impregnados na alma, tantos questionamentos sem resposta. Os livros e a escrita hoje, ajudam-na a dispersar suas ideias daquela janela...

A família sólida: marido, filho, neto sustentam para que se mantenha ali. Atualmente, precisa de lentes para enxergar à distância da janela, seu corpo curvou-se mais, doem os braços se ficar por muito tempo debruçada, enruga-se o rosto se forçar para enxergar, mas vale a pena, porque daqui a pouco eles estarão ali, não demorará muito e as pessoas que a farão felizes chegarão,

mesmo que durante essa espera outras tantas se entrecruzaram e a fizeram chorar...

Recebido em 24/09/2018.

Aceito em 04/01/2019.